

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
CHARLTON HESTON, UMA PRESENÇA ÉPICA  
20 e 28 de setembro de 2023

# RUBY GENTRY / 1952

*(A Fúria do Desejo)*

um filme de King Vidor

**Realização:** King Vidor / **Argumento:** Sylvia Richards, baseado numa história original de Arthur Fitz-Richard / **Fotografia:** Russell Harlan / **Música:** Heinz Roembeld / **Direcção Artística:** Dan Hall / **Décors:** Ed. Boyle / **Guarda-Roupa:** Valentina / **Som:** Jean L. Speak / **Montagem:** Terry Morse / **Interpretação:** Jennifer Jones (Ruby Gentry), Charlton Heston (Boake Tackman), Karl Malden (Jim Gentry), James Anderson (Jud Corey), Bernard Phillips (Dr. Saul Manfred), Tom Tully (Jewel Corey), Jesephine Hutchinson (Laetitia Gentry), Phylis Avery (Tracy McAuliffe), etc.

**Produção:** Joseph Bernhard e King Vidor para a 20th Century Fox / **Cópia:** Digital, preto e branco, legendada em português, 82 minutos / **Estreia Mundial:** Hollywood, a 22 de Dezembro de 1952 / **Estreia em Portugal:** Tivoli, a 28 de Junho de 1954.

---

Este é o segundo filme de King Vidor com Jennifer Jones, depois do genial **Duel in the Sun**. E é, tal como essa célebre obra, um filme sobre o Bem e o Mal, sobre os conceitos que acerca dum e doutro temos, sobre a fusão do mundo dos elementos com o mundo das paixões, sobre o diabo e a carne, sobre Deus.

Para falar de **Ruby Gentry**, história duma mulher nascida, como Pearl Chavez (a protagonista do **Duelo**) "on the wrong side of the track", começo por dar a palavra a King Vidor (entrevistas no belo livro de Memórias "A Tree is a Tree").

A quem lhe observava que nos seus filmes as coisas acontecem muito rápidas (um só plano basta para decidir pessoas a casar-se, a matar, a entregar-se), Vidor respondeu: "Depende das pessoas, mas julgo que, em geral, cada um sabe muito depressa quais são os seus sentimentos e quais são as suas intenções. É o meu ponto de vista. Acredito na intuição. Entre seres humanos, as barreiras caem depressa (...) existe uma espécie de alquimia que faz com que tudo se resolva muito depressa. Creio, também, na intervenção dum Ser Supremo, da super-inteligência que rege o mundo. Muito depressa se sabe quais são as perguntas e quais são as respostas: não há lugar para hesitações. Diz depressa sim ou não, devia ser a divisa dos que se amam (...). A inteligência superior de Deus oculta-nos certas coisas (a nossa inteligência limitada não as pode perceber). Se nos fiamos nela, sem tentar aceder ao nível da inteligência superior, erramos por aqui e por ali. Se há coisas que são diferentes do que pensávamos fazer, é porque são elas que contribuem para a nossa felicidade, porque Deus governa todas as coisas e faz reinar a harmonia. Podemos ter uma vida caótica: corremos num sentido, depois noutro. Há dias em que estamos bem, outros em que estamos mal. Mas só porque não podemos compreender o modo como Deus cria a harmonia da vida. Esta é a base da minha crença.

A Bíblia diz-nos que Deus fez o homem à sua imagem e semelhança. O Bem é, pois, permanente. A única realidade é o Bem. As dificuldades temporárias do homem são criadas pela sua recusa em reconhecer os seus próprios limites e pelo seu desejo de os ultrapassar. O homem, os pobres homens que somos, não podem ver toda a verdade: não podem julgar nem julgar-se. Tudo o que podem fazer é aceitar a sua sorte e continuar a viver assim."

O espectador que conheça **Ruby Gentry** (ou que leia isto depois de ver o filme) pode perguntar-se como é que esta ética se articula com o filme, aparentemente debruçado sobre uma mulher magnificamente sensual (repare-se logo no primeiro plano de Jennifer Jones em contra-luz) e sobre

o desejo de Ruby Gentry por Boake Tackman. Mas se pensar melhor verificará que **Ruby Gentry** é exatamente um filme sobre essa "alquimia" (donde, o assombroso erotismo desta obra, como de toda a obra de Vidor); sobre amantes que hesitam (Charlton Heston explicando a Jennifer Jones porque é que vai casar com outra, embora continue por ali "around"); sobre o oculto sentido das coisas, que confere o pleno valor à imagem do pântano (obsessão vidoriana, na medida em que reúne os elementos fundamentais, água e terra, "de que inconscientemente me aproveitei do valor simbólico", disse Vidor, que a propósito desses símbolos volta a citar a Bíblia e Jung); sobre o ruído da bomba ("controlar a água, fazê-la brotar, é algo de fundamental. Se nem sempre tudo o que faço é totalmente consciente, tenho sempre a consciência de exprimir algo de fundamental"); e sobre o tema do amor físico, na explosão do desejo (ou na "fúria do desejo" de que fala o redundante título português) que "deflagra" entre Jones e Heston ("o carácter primitivo, e mais do que primitivo das relações amorosas").

**Ruby Gentry** é um filme sobre a terra e a água (os pântanos), sobre o desejo e o pecado (introduzido no filme pelo assombroso personagem do irmão). Entre Jones e Heston (como Bogart dizia a Bacall) bastava um assobio (repare-se na portentosa luz dessa sequência). Mas entre essa intuição ou essa alquimia, meteram-se as razões dos homens e das mulheres: um apalpação é pago com uma bofetada, um casamento de razão com outro casamento de razão.

Por isso a morte se introduz no filme (a espantosa sequência do mar com a morte de Malden) e a primeira caçada se volve na segunda.

Cercada por todos os lados, Jennifer Jones ("no other woman like her") opõe à "fúria da cidade" e à traição de Heston a destruição de tudo o que antes fora harmónico. Uma mulher "so sweet, wild and crazy" é tratada de "little tramp" e os pântanos são secados, o ruído da bomba parado.

E assim se prepara a genial sequência final: como no paraíso, ou no inferno, cercados por brumas, os amantes (e pensa-se em Mizoguchi para encontrar densidade comparável) são perseguidos pela voz da imagem que não vêem, como o primeiro homem e a primeira mulher foram por Deus. Tudo é princípio e fim, origem e caos, até à morte-crucificação do irmão de Jennifer e ao interminável plano em que ela balança contra si, nas águas do pântano, o corpo morto de Charlton Heston.

O mundo já explosivo mas harmonioso, que existiu até à morte da velha, quebra-se quando esta morre e com o fabuloso "plongé" sobre o casamento. Daí para diante o que intervém é o progressivo afogamento e a impossibilidade de "amanhã ser um novo dia". É nas trevas que os amantes se reúnem (fabulosa elipse) antes desse último encontro que já só pode ser de morte.

Mais uma vez, nessa genial sequência final, Vidor atinge o cerne do cinema operático e excessivo que é a corda mais vibrante da sua obra. Muitos (como sempre sucede com o cineasta de **Fountainhead**) recusam-se a esse excesso: quanto a mim, nessa sequência dos amantes expulsos e nesse plano em que Jones balouça contra si o corpo de Heston e lhe dá o último beijo, mergulhados na água primordial, está tudo o que entendo por cinema.

A Bíblia diz: "Os campos estavam prontos para a sementeira, para semear. Por outras palavras, e quaisquer que sejam os nossos desejos, temos que saber quando tudo está pronto para a sementeira. É preciso ir à frente, para semear." Assim terminam as memórias de Vidor, assim termina **Ruby Gentry**, história duma mulher que foi à frente e a quem destruíram a seara e a vida. Ficou "a sombra, a luz, o movimento". A terra, a água, a unidade perdida nas brumas daquela "floresta interdita". E o último plano é o da solidão duma mulher, essa fabulosa Jennifer Jones, Ruby, aquela que disse: "What have I done?".

JOÃO BÉNARD DA COSTA

---

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo acordo ortográfico